

INFORME GEOGRÁFICO

Boletim Informativo do Curso de Geografia
UESC - Ilhéus - Bahia
Ano IV - Nº 10 - Jan/Fev/Mar. 2006

A influência do neoliberalismo na geografia

O neoliberalismo, doutrina que defende a livre concorrência sem a intervenção do Estado, em vários campos da vida humana, como o econômico e o educacional, pregando que quem não tiver competência (e aí vai um sentido muito amplo da palavra) deve ser naturalmente excluído de um ou mais setores da sociedade humana, atinge a educação e, por conseguinte, a Geografia, matéria das mais interdisciplinares e, portanto, atuante em muitos dos campos alcançados pelas conseqüências da aplicação dessa doutrina.

Se, teoricamente (e lógica e merecidamente) os preguiçosos devam ser motivados a se desdobrar para não ficarem para trás e, até mesmo, sem o mínimo de recursos para a sobrevivência, é preciso que se considere que não se trata, apenas, de um indivíduo ou de um ou mais grupos de incompetentes empresários que não requeiram se estabelecer por isso. Trata-se, isto sim, de inúmeras populações de indivíduos humanos, em sua maioria vítimas de regimes econômicos historicamente perversos de dominação impiedosa, e de concorrência e favoritismos políticos/corporativos desleais.

Isso não passa de mais uma tentativa de justificar a continuação do domínio dos detentores do poder econômico-político no mundo, que tudo fazem para não redistribuírem a renda com as demais camadas necessitadas da sociedade. E que, quando uns poucos privilegiados são beneficiados com suas migalhas, o são não porque os poderosos tenham um mínimo de espírito altruísta, mas porque são necessários para a manutenção da base do seu status quo.

E, no caso da educação, no en-

sino específico da Geografia - não se tratando da sua interação com outras disciplinas - é um fato que o neoliberalismo, doutrina exigida pelo FMI para ser instalada em países que (acham que) precisam dos seus empréstimos financeiros, influi na confecção dos assuntos a serem abordados nos livros didáticos. A verdade dos dominadores passa a ter que ser verdade no mundo!

Primeiro, a obrigaçãõ da uniformização dos assuntos a serem tratados, de forma que todos rezem na mesma cartilha, que só aprendam as mesmas coisas só o que se deseja que aprendam e que não sejam criativos, que não enxerguem outros caminhos, nenhum caminho individual para

sua própria salvação, que continuem, apenas, a fazer parte de um imenso exército de trabalhadores de reserva do capitalismo.

Segundo, o direcionamento da educação para o sentido profissionalizante, e não preparativo para a vida mais natural, humanística.

Terceiro, em se tratando da nossa disciplina, de que adianta se estudar a ocupação dos espaços terrestres pelo homem e as características lindamente naturais desses espaços, se só vamos nos importar com a guerra dos mercados, a uniformização dos produtos de consumo, como roupas e comidas? E a mundialização da cultura?

Que importam os mais pobres, como os sem-terra, que não têm assistência orientadora que os faça retirar sabiamente da terra o seu sustento? Pois que morram! É a ideologia da doutrina neoliberal. E aqueles

que a reproduzem dirão que os excluídos dos processos capitalistas são uns incompetentes, preguiçosos e bandidos.

Esquecem que trouxeram os negros como escravos para as Américas, que usurparam os indígenas na sua terra nativa e que nós temos o seu sangue ou presença física e cultural próxima. Somos todos culpados, então. Por que apenas os que dominam o capital aqui no mundo merecem viver bem, eles e seu exército de serviçais?

Ensiná-los a se desenvolver, dividir a renda tão grandiosamente acumulada, abrir mão do nosso excesso de conforto em prol de um conforto mínimo para os desvalidos, gerar idéias brilhantes que sejam soluções para seus problemas ou, simplesmente, administrá-los, isso não, os donos do capital não querem fazer. A única coisa que dividem com o povo é renda per capita, porque esta fica só no papel!

Qual é a influência do neoliberalismo na Geografia? Somando-se as exigências do FMI, ditas no início deste texto, sobre a padronização dos currículos escolares mundiais, podemos lembrar que tal disciplina abrange o humano, o econômico, o físico, o político e, deles, fazem parte o industrial, o social o educacional, o histórico - filosófico etc., etc.

Assim, toda a influência que uma doutrina muito abrangente pode causar, se aplicada firmemente - como é o caso do neoliberalismo - , atingirá essa macrodisciplina em vários dos seus campos de atuação.

Cláudio Pádua. 8º semestre
curso de licenciatura em
Geografia



I Seminário Local de Cartografia para Escolares

O seminário teve como temas:
-Curvas de nível: modelo euclidiano e projetivo;

-A importância da utilização dos mapas como instrumento de ensino/aprendizagem na Geografia escolar: uma proposta metodológica para a 5ª série;

-Estudo Comparativo: o território real e a sua representação cartográfica;

-Coordenadas geográficas e Fusos horários: uma proposta metodológica inovadora.

Este seminário buscou identificar as causas que vêm dificultando o processo de ensino-aprendizagem, assim como apresentar propostas metodológicas para professores que tentam de-

velopar uma percepção cartográfica nos alunos, a fim de facilitar a compreensão destes sobre as diversas formas de representação do espaço.

Foi ressaltado que as práticas sociais são os principais agentes responsáveis pela construção e (re)produção do espaço geográfico. Os grupos sugeriram aos professores, sem desconsiderar a representação em diferentes escalas, o quanto é importante atrelar a teoria apresentada na sala de aula ao cotidiano dos alunos. O seminário sugeriu a utilização de um material didático e de uma abordagem que apresente uma linguagem cartográfica de fácil compreensão, que possibilitem a participação dos mesmos na realização de uma representa-

ção, desde o início de sua elaboração até o resultado final, proporcionando ao aluno a interpretação das informações reveladas pelas técnicas de representações, assim como uma visão crítica do fenômeno representado.

Cada vez mais, os estudos sobre o papel da Cartografia na Geografia desperta interesse de professores e pesquisadores. O BIG se con-gratula com os promotores do seminário, pois estes satisfatoriamente, demonstraram que os conhecimentos cartográficos podem ser produzidos desde as séries iniciais, mostrando que o desenvolvimento dessas habilidades cartográficas possibilita aos alunos realizarem uma análise geográfica entre escalas local, nacional e global.

No dia 5 de setembro de 2005, foi realizado no auditório Paulo Souto (UESC), no período das 7:00 às 12:00h, o I Seminário Local de Cartografia para Escolares. E como não podia ser diferente, o BIG estava lá para conferir que o seminário foi concretizado pelos estudantes do curso de Licenciatura em Geografia, pela disciplina Cartografia Básica, tendo como orientador o professor Doutor Natanael Reis Bomfim.

ENTREVISTA: Natanael Reis Bomfim

O professor Doutor Natanael Reis Bomfim voltou há pouco do Canadá, onde concluiu o seu Doutorado em Educação. Trabalhou apenas na Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC-, o professor atua nas áreas de Geografia e Turismo. Suas linhas de pesquisa são Cartografia para Escolares, Temática das Representações e suas Implicações na Geografia e Memória, Identidade e Representações Sócio-culturais. Ele está com seu projeto de pesquisa em andamento, financiado pela FAPESB, Representações Infantis do Espaço Urbano, e está totalmente integrado ao curso de Geografia. Ele concedeu essa entrevista ao BIG e falou sobre Cartografia para Escolares.

Por: Ísis Perna.

BIG- O que levou o senhor a realizar o Seminário de Cartografia para Escolares?

Natanael Bomfim - Veja bem, no momento em que eu pensei no seminário de Cartografia como culminância do curso de Cartografia Básica, foi justamente pensando nessa possibilidade de desenvolvimento de um conhecimento que pudesse ser socializado. Digo isso, o conhecimento de Cartografia para escolares, desenvolvido durante o período em que nós estivemos juntos. Nesse período estava também trabalhando com o curso de formação continuada para professores, e estes apresentaram, através de um diagnóstico que foi feito, uma série de dificuldades em relação à Cartografia. Eu percebi, aí, a oportunidade de fazer esta ponte. Primeiro ponto, pensando na construção mesmo de um conhecimento junto a vocês, esse foi o primeiro momento, que se refere aos conteúdos de Cartografia que seriam contemplados durante o curso. E no segundo momento, eu pensei em socializar estes conhecimentos, estes conhecimentos adquiridos em um seminário. Até então, não pensava num seminário que fosse naquela proporção ou diante daquelas medidas. Como eu estava com a turma e me apareceu a turma de formação continuada, como eu disse anteriormente, daí veio a ideia de associar, ou seja, vocês, que estão fazendo um curso de licenciatura em Geografia e que vão estar, um dia, dando aulas de Geografia. Porque não associar quem está na prática e quem está ainda no processo de forma-

ção? Esta foi a minha ideia e surgiu a partir desses dois momentos.

BIG- Por que existe uma dificuldade de alunos e professores lidar com a construção de análise crítica das representações cartográficas da Geografia?

Natanael Bomfim - Olha, Ísis, isso é básico. Nós, dentro da evolução do conhecimento cartográfico, percebemos que a Cartografia, eu estou falando isso não com uma certa precisão, mas a Cartografia entra nas Universidades depois do período ditatorial, no Brasil, particularmente. E, em outros países, a Cartografia também teve, vamos dizer assim, uma característica de ser utilizada antes como um instrumento de apropriação, para, depois, ser inserida nas universidades como formação, seja de professores ou, então, como formação de bacharéis em Geografia, utilizando este instrumento. O que a gente percebe como consequência, é que este conhecimento não vem sendo gerado ao longo do tempo. O conhecimento cartográfico, eu diria, enquanto ciência, vem sendo gerado enquanto conhecimento acadêmico há pouco tempo, ou seja, recentemente. Se é um conhecimento que vem sendo gerado recentemente, principalmente nas escolas, este conhecimento também não está sendo aplicado de forma ideal, de forma adequada. Até porque não se tem conhecimento prévio a respeito da Cartografia, porque durante muito tempo ela foi utilizada dentro da Geopolítica para fazer a guerra, para a utilização de apropriação do espaço. Então o que nós percebemos, hoje, é que as pessoas interessadas no desenvolvimento de um conhecimento cartográfico aliado à Geografia são pessoas que vêm da década de 80 pra cá, vamos dizer que são vinte anos de conhecimento. Entre 1960 e 1980, nós tínhamos um curso de Geografia, não Geografia, mas sim Estudos Sociais, onde se reduzia um certo conhecimento. Então uma leva de pessoas formadas em Estudos Sociais não teve essa oportunidade de ter Cartografia, consequentemente, nos cursos de 1º e 2º graus que hoje são o ensino médio e fundamental, essas pessoas puderam passar aquilo que aprenderam, ou seja, com uma certa deficiência na Cartografia. Hoje, então, é que temos alguns abnegados, como a Maria Helena Simielli, a Rosângela Dain e outros que trabalham com Cartografia para escolares. Podemos observar que o número é reduzido, extremamente reduzido, são estes que es-

tão produzindo alguma coisa em Cartografia e estão preocupados em trabalhar com pesquisa em Cartografia para escolares. Por conta disso, nós temos um produto, se é que eu posso falar em produto, porque possuímos pessoas que estão trabalhando na Cartografia no Ensino médio e fundamental, ainda de forma deficiente. Eu diria que é um conhecimento ainda recente e que nós estamos procurando, digamos, assim, pesquisar e tentar sanar este problema na realidade educacional e eu acho que vocês, que fazem parte agora deste grupo, é que vão sair com um novo enfoque e que vão tentar a mudar esta realidade educacional que está aí.

BIG - É evidente a repulsa que a maioria dos estudantes tem em relação aos mapas. Assim, como o aluno pode ser ensinado a ler e interpretar mapas, postais e aproximações como fontes de informação geográfica?

Natanael Bomfim - Bem, as duas respostas anteriores identificam o porquê dessa repulsa, é um conhecimento muito recente que está sendo reproduzido e nós temos um grupo de professores, formados ou egressos das universidades, com dificuldade para trabalhar e, consequentemente, os alunos também vão ter dificuldades, está aí a resposta com relação à repulsa. Agora, o que é e como fazer para modificar este quadro que está aí? Primeiro, é um trabalho mais fortalecido nas universidades, esses que nós estamos tentando fazer aqui, agora, e outras universidades também estão tentando. É produzir mais um conhecimento a partir da pesquisa em Cartografia para escolares. Já existe um grupo de cientistas que está fazendo, cientistas na educação da Geografia que estão tentando sanar este problema, que, ao meu ver seria usar a criatividade, principalmente nas séries iniciais, no ensino fundamental. Criar a cultura da Cartografia, utilizando a alfabetização cartográfica, dizendo: vamos trabalhar com a Cartografia a partir de onde? Alfabetizando mesmo, mostrando a importância de se utilizar a Cartografia na Geografia ou em qualquer outra ciência, qualquer outra disciplina. Como forma realmente de ler e interpretar o espaço e, para tal, precisamos despertar nessas crianças essa importância, essa necessidade de trabalhar. Isso, usando uma coisa que toda criança tem, que é a curiosidade. Eu acho que a base é importante e a partir daí vamos conseguir resultados melhores.

BIG- As dificuldades apresentadas pelos alunos para absorverem conteúdos cartográficos são muitas. Uma característica sua, identificada por alguns de seus alunos, é que o senhor é um professor acolhedor, ou seja, aquele que está presente e presta apoio objetivo na superação das dificuldades de seus alunos. Sendo assim, como tentar conter a tendência natural de determinados professores que é investir mais nos alunos que aprendem com facilidade e produzem melhor?

Natanael Bomfim - A terceira é essa, de estar mais próximo daqueles que estão desenvolvendo mais, o que não é o concreto. Eu acho que nós temos que verificar as diferenças em uma turma ou em qualquer lugar. Diferenças existem e dessas diferenças devemos procurar responder às expectativas, tanto daqueles que tenham um conhecimento ou uma habilidade mais desenvolvida quanto daqueles que não a têm. Até mesmo porque, na Cartografia, a gente trabalha com a habilidade, e nessa habilidade entra a questão do por que é tão importante trabalhar com a base, principalmente nas séries iniciais. É desenvolver, a partir de outras disciplinas, também, essas habilidades nas crianças, não só as habilidades psicomotoras, mas outras habilidades intelectuais e afetivas. Então, eu percebo, hoje, ao meu ver, é que a gente tem que estar sempre se policiando. É a questão de se policiar o tempo todo para não ser tardância. Eu acho que esse é um caminho natural, é se policiar para que não dê mais atenção àqueles mais favorecidos em termos de potencial em detrimento de outros que também precisam de nosso apoio e de nossa atenção.

BIG - Quais as suas expectativas em relação à Cartografia para escolares e a formação dos futuros professores de Geografia, que já irão sair da universidade com uma outra visão cartográfica?

Natanael Bomfim - Em nível de Brasil eu percebo que muita coisa está mudando, voltado para licenciatura em Geografia, tendo como base o instrumento cartográfico. Então, eu vejo boas expectativas e o que eu posso falar em nível de Brasil, em nível da UESC, é que nós vamos ter aqui uma leva de estudantes que vão sair e não vão fazer feio. É claro que a prática é importante para sedimentar esses conhecimentos e até mesmo buscar novos conhecimentos que vão se agregar aos conhecimentos de base, que vocês aprendem aqui na universidade. Mas, eu percebo, diante de um curso que a gente se esforça para preparar, um curso pensado diante das necessidades que estão no mercado de trabalho, eu estou falando em termos de Educação e por conta das cobranças exigidas pelo Conselho Nacional de Educação e pelo Ministério de Educação e Cultura no Brasil, nós, colegiados de Geografia, coordenador de colegiados, vice-coordenador, professores, todos nós estamos atentos. Atentos no sentido de que a gente tem um bom curso, um curso com uma base satisfatória, para que esses estudantes possam, no período da sua prática pedagógica, durante o curso de Geografia, possam lembrar desses conhecimentos que adquiriram na sala de aula, no seu curso e também que vocês possam dizer: a partir daqui eu posso caminhar sozinho. Então, voltando à questão, eu vejo boas perspectivas porque nós estamos tendo aqui um curso reformulado, um curso pensado para Educação, para o curso de licenciatura em Geografia.

INFORME GEOGRÁFICO

Boletim Informativo do Curso de Geografia
UESC - Ilhéus - Bahia - Ano IV - Nº 8 - Maio/Junho 2005

Editora-Chefe: Evilânira Bento da Cunha.
Colaboradoras: Ísis Perna Lima, Telynissim Pereira
Fundador: Saulo Rondinelli
Design Gráfico: Marcos Maurício (marcosmauricio@gmail.com)
Revisão: Profª Maria Luiza Norza de Andrade
Impressão: Gráfica da UESC
Os artigos/textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores não refletindo, necessariamente, a opinião do BIG.
Assuntos referentes ao jornal: Memórias, informações, críticas, sugestões:
Evilânira Bento da Cunha - evilanirago@yahoo.com.br
Ísis Perna - i-perna@pl.com.br
Telynissim - tececos@hotmail.com
Saulo Rondinelli - geoiilheus@hotmail.com
W ebsites: www.biggeo.vilabol.unl.com.br

Colegiado de Geografia - DCPA
Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC
Rodovia Ilhéus/ Itabuna, Km 16 esp: 45650-000
Ilhéus - Bahia - Brasil



Prof.ª coordenadora Cristina Rangel

ATTITUDE

POSSE NO COLEGIADO

O BIG dá as boas vindas aos novos coordenadores do colegiado de Geografia. A professora Cristina Rangel e o professor Natanael Bonfim, respectivos coordenador e vice.

Sabemos que muitos são os desafios a serem enfrentados nessa nova caminhada, assim os discentes da Geografia esperam que seja realizado um trabalho conjunto, colegiado/alunos, para podermos sanar ou mesmo amenizar os problemas pedagógicos que ainda persistem.

Atualmente existe no curso uma leva de estudantes comprometidos e apaixonados pela ciência geográfica, isso facilitará nas decisões para melhor engrandecer e fortalecer a Geografia. Tudo acontece já, é um novo momento, onde a história continua a ser escrita, só que agora pelas mãos da Cristina Rangel e do Natanael Bonfim, coligados com todos os outros professores juntamente com os elementos principais desse conjunto: os discentes.



Prof.º vice-coordenador Natanael Bonfim

EREGENE 2005

O XXII Encontro Regional dos Estudantes de Geografia do Nordeste, realizado no período de 12 a 15 de novembro, abordou a relação Capital/trabalho no processo de (des)construção do espaço nordestino e contou com mais de 1.500 estudantes, vindos de todo o Nordeste brasileiro.

A UESC esteve presente com 45 participantes. Estes puderam participar dos diversos GTs, GEs, Oficinas e EDs oferecidos pelo evento, discutindo os mais diversos problemas que assolam a região nordestina. Além de todos os debates e discussões acerca de assuntos tais como, Transposição do rio São Francisco; O Estado, as políticas de desenvolvimento e a questão Nordeste; Espaço, território, poder público: a questão do latifúndio no Nordeste, entre outros, os colegas da Geografia puderam se divertir na "Cultural" organizada pelo evento, com shows ao vivo e música eletrônica. Quem compareceu na Cultural pôde assistir também à eleição do Geo-gay, título que ficou com a UEFS, da Geo-gata, que ficou com a UNEB e do Geo-gato, que ficou com a UESC, muito bem representado pelo nosso colega Jullien Marius.

É importante salientar que a paz reinou durante todo o evento e que a idéia de que encontro de estudantes é apenas sexo, drogas e rock 'n' roll está se desmitificando. É claro que existe e sempre irá existir a turma do da-da e do turismo; porém os estudantes que foram em busca de informação, diversão, turismo e integração social encontraram tudo isso na dosagem certa.

Embora tenhamos algumas críticas em relação à composição das mesas redondas (palestrantes de opiniões homogêneas, não permitindo o debate, a discussão e a (des)construção da ciência), e o problema do banheiro feminino (devidamente solucionado), o BIG felicita a comissão organizadora, a EREGENE e a escola sede "UFS" (Universidade Federal de Sergipe), pelo excelente Encontro que nos proporcionaram. Sabemos o quão difícil é organizar um evento (organizamos o II EREGENE), ainda mais daquela proporção. Geralmente não se tem apoio da Reitoria, da maioria dos professores, não há patrocínio e principalmente existe uma grande falta de incentivo de muitos, que muitas vezes nos desanimam e não acreditam em nossa capacidade de fazer frente a tamanho desafio.

Gostaríamos de chamar a atenção dos colegas que insistem em só enxergar o lado negativo dos eventos realizados pelos estudantes, ressaltando que um Encontro daquela proporção é muito mais que uma grande fila no almoço e banheiros desestruturados. E que, talvez, essa "falta de organização" seja consequência, também, da pequena contribuição que, de alguma maneira, se deixou de dar.

AGRADECIMENTO ESPECIAL!

O BIG se despede da atual coordenação do colegiado de geografia coordenado pelos professores Maria Helena Gramacho e Gilmar Trindade. A comunidade geográfica da UESC agradece aos coordenadores pela disponibilidade, presteza e competência, com a qual sempre trataram o curso de geografia (alunos e professores). Muitos serviços foram realizados, tal como a construção do Projeto Político Pedagógico, que só veio a engrandecer e fortalecer a ciência geográfica e seus profissionais. Esperamos continuar contando com os queridíssimos, Helena Gramacho e Gilmar Trindade, rumo a construção de uma geografia nova.

POSSE DO CAGEO

Foi eleita a nova chapa que presidirá o CAGEO até o final do ano de 2006.

Com o intuito de fortalecer o curso de Geografia, o CAGEO, que tem como novo presidente o Telynisson (Teco) e como vice Ísis Perna, tem como objetivo estreitar os laços entre os colegas do curso, assim como estabelecer uma parceria com o colegiado de Geografia, para juntos, trabalhando, melhor atender às necessidades da ciência geográfica em nossa Academia.

O BIG agradece o excelente trabalho da gestão anterior do CAGEO, presidido por Luciano San Juan Portela, pelo compromisso e amizade com a comunidade geográfica da UESC. O BIG também convoca a todos os alunos que compõem essa comunidade a se unirem ao CAGEO para podermos trabalhar de forma democrática e produtiva por uma "Geografia Nova".

OBS! PROFESSORES DA GEOGRAFIA, MAIS UMA VEZ O BIG RESSALTA A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO QUE O PROFESSOR EXERCE NAVIDA DE SEUS ALUNOS; SOLICITAMOS O INCENTIVO DOS SENHORES NAAPRESENTATAÇÃO DE TRABALHOS NOS EVENTOS. NO EREGENE, 45 "UESQUIANOS" COMPARECERAM E APENAS 2 APRESENTARAM TRABALHO.

INDAGAÇÕES SOBRE O RIO SÃO FRANCISCO E SUA SUPOSTA TRANSPOSIÇÃO

Evilania Bento da Cunha – 4º semestre, Geografia, UESC

O projeto de transposição do rio São Francisco não é novo. Desde o período do Império circula essa ideia, e com o passar do tempo o projeto foi tomando nova forma e fortalecendo-se. Na atual gestão do governo federal essa é uma das questões que gerou mais polêmicas, porém a população não tem discutido devidamente para posicionar-se contra ou a favor. De acordo com o texto Canais da discórdia, publicado na revista Problemas Brasileiros nº 368 março/abril-2005, o projeto apresenta vantagens econômicas, sobretudo para a agroindústria, e o Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) listou 44 possíveis impactos que poderiam advir da construção dos canais. Desses, apenas 12 são positivos, entre eles, a geração de empregos, a garantia de abastecimento das populações do semi-árido e a redução do êxodo rural. Os demais impactos referem-se aos problemas ambientais que serão causados pelo projeto, entre eles a perda de terras férteis, queda da geração de energia elétrica, ameaça à fauna terrestre e redução da biodiversidade aquática, interferência sobre a pesca nos açudes, alteração do regime de drenagem, perda e fragmentação de cerca de 430 hectares de áreas com vegetação nativa. Porém, o fato de o governo ter deixado de lado outras possíveis soluções e não ter discutido com a população deu um caráter autoritário ao projeto, aumentando a oposição.

Outro argumento dos técnicos é que os estados receptores, como Ceará e Rio Grande do Norte, já comportam um volume de água satisfatório, faltando um sistema de captação das águas das chuvas mais elaborado. Percebe-se que, do ponto de vista econômico, que a transposição poderá trazer benefícios, como a geração de empregos pelas agroindústrias, mas do ponto de vista ambiental as consequências são graves. Basta olhar para os exemplos de transposição que aconteceram em outros países, como o mar de Aral, no Cazaquistão, que está desaparecendo, ou o lago Mono na Califórnia – EUA, com um alto índice de concentração de sais.

No mês de setembro do corrente ano, em protesto ao projeto de Integração das bacias hidrográficas, como está sendo denominado pelo governo, o bispo católico da diocese de Barra no Oeste da Bahia fez greve de fome até que o presidente Lula assegurasse que o projeto seria interrompido para o debate e o esclarecimento da população brasileira. A greve permaneceu por 10 dias, o bispo Luis Flavio Cappio dizia que, "quando a razão se extingue, a loucura é o caminho," e foi assim que ele atraiu a atenção da mídia e da população para o grandioso projeto de infra-estrutura (de superfaturamento?) que o governo Lula tem encampado. Mesmo assim, o debate permanece insuficiente, apesar de renomados geógrafos como Manoel Correia de

Andrade e Aziz Ab'Sáber estarem se posicionando contra o projeto de transposição em artigos escritos em revistas de opiniões. Percebe-se uma ausência de debate na Ciência Geográfica.

E aqui, na UESC, o debate passa longe. Mesmo que a estrutura física da Universidade esteja na região sul da Bahia, uma questão como a transposição do rio São Francisco impõe em nós, teóricos da Geografia, questões como: Este projeto vai servir a quem? É politicamente correto e socialmente justo?

O BIG critica e repudia a falta de discussões acerca do assunto e propõe que o Núcleo das Bacias Hidrográficas, órgão de pesquisa aqui da UESC, realize um debate a fim de proporcionar mais esclarecimentos aos discentes e docentes da Academia.

Sugestão de pesquisa:

www.integracao.gov.br

www.mma.gov.br

www.asabasil.org.br

www.chesf.gov.br

www.fundaj.gov.br

www.cbhsaofrancisco.org.br

www.ana.gov.br

Referências:

M AW AKDIYE, Alberto. Canais da discórdia. Revista Problemas Brasileiros, nº 368 – mar/abr – 2005.

VASCONCELOS, Lia. O sertão vai virar mar?. Revista Desafios do Desenvolvimento. Ano 2, nº6, Jan – 2005.



Metáforas da indignação...

Quem é ele?

Chanam-ro de país do carnaval
 Bem aventurado por natureza
 Cinco dias de folias por 360 de tristeza
 Fome, miséria e violência.
 Como pode tanta indelicância
 Os taurinos de diarreia
 Que inadem o fiso da imoralidade
 Varrerão e devastarão com a suposta dignidade
 Dos engratados de bom discurso
 Que por avareza mudam o percurso
 Colaborando com a destruição
 Das paisagens mais belas
 Com a construção de favelas
 E com o mal estar do povo heróico
 Que perdeu seu direito e direção
 No tentamento da corrupção
 Onde a educação agniza
 Assistindo ao velório da saúde
 E a alimentação ninguém me ilude
 ...Mço me dá um pedaço de pão...
 Ah país do futebol
 Quanto alienação num grito de gol
 Provocado pela mídia traiçoeira
 Que mostrando um grupo de capoeira
 Transmite um regionalismo barato
 Chega, estou farto! Isso não é regionalidade
 É preciso usar a racionalidade
 E perceber o profano
 Nossa cultura promovendo o engano...
 É cada vez melhor.
 Melhor pra quem? É preciso mudar
 Pois esse é o meu lugar
 Mas de que posso me orgulhar
 Das CEs que tiram vida
 Ou do tomado que não passou
 Mas levou a esperança de mudança
 Onde ficaram os pensadores
 Que procurou pelos cantos
 Oh... Saudade de Milton Santos
 Terna durada...
 Um território inextinguível
 Numa situação lastimável
 Pulmão do mundo não vá embora
 Cade a fiscalização?
 Fala-se de transposição,
 E o velho pode morrer.
 E depois... A quem reconhecer?
 Mas a seca não pode acabar
 Pois como a "indústria" vai ficar?
 Precisa lucrar com a fraqueza
 Se alimentar com o pretendo da pobreza
 Um copo de água e milhões na Suíça
 Que realidade promiscua.
 Ketrina, passe por aqui
 E leve para longe de mim
 Os governantes da corrupção, que me levam à ira.
 Os ministros da mentira, que parece sem solução.
 E os deputados da humilhação, que trágico.
 Limpe o espaço geográfico
 E os leve pra outro planeta
 E que se desfaçam como cineta
 Sem vestígio de reversão
 Ah, Terna avada
 Esse país é Brasil
 Sem grande catástrofe natural
 Mas com políticos de passar mal
 Que povo é esse?
 É o povo brasileiro
 ...É gente humilde, que vontade de doar.
 Jacques Marz, 4º Semestre de Geografia.

O BIG PARABENIZA!

Ø A PROFESSORA RITA JAQUELINE CHIAPETI, QUE PASSOU PARA O DOUTORADO NA UNESPE – Rio Claro –SP.

Ø O FORMANDO RAUL REIS AMORIM, QUE PASSOU PARA O MESTRADO EM GEOGRAFIA NA UNICAMP – São Paulo.

Ø OS DISCENTES QUE SE FORMAM NESTE ANO DE 2005, PELA COLABORAÇÃO QUE DERAM AO CURSO DE GEOGRAFIA DA UESC.

EVENTOS IMPORTANTES DA GEOGRAFIA EM 2006

O ANO DE 2006 ESTÁ REPLETO DE EVENTOS IMPORTANTES. NESTA EDIÇÃO, O BIG DESTACA AQUELES COM OS QUAIS, NÓS, ESTUDANTES DA UESC, INICIAMOS UM PROCESSO DE CONSTRUÇÃO ATUANTE E PARTICIPATIVO:

• III EBEGEO (ENCONTRO BAIANO DE ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA BAHIA) DATA: 28-30/04/2006 JACOBINA-BA;

• VIII ENCONTRO LOCAL DE GEOGRAFIA DA UESC 27-29/05/2006;

• XIV ENG (ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS);

TEMA: A GEOGRAFIA E A AMAZÔNIA NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO: DIÁLOGOS, PRÁTICAS E PERCURSOS.

DATA: 23-28/07/2006 RIO BRANCO-AC